INFLUÊNCIAS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA PESCA ARTESANAL

Diversas pesquisas científicas sobre aquecimento global e mudanças climáticas advertem sobre as graves ameaças que o modelo de desenvolvimento capitalista impõe ao conjunto da sociedade e ao nosso planeta de um modo geral. A cada dia que passa nos surpreendemos com os sinais emitidos pela terra indicando que é preciso construir outras formas de relação com os recursos naturais que possibilite a construção de uma sociedade humana, sustentável e igualitária.

Os pescadores e pescadoras artesanais, de maneira peculiar, têm percebido nos últimos anos profundas alterações ambientais em seus territórios tradicionais. A relação cotidiana com as águas (doces, salobras, salgadas) e suas margens (matas ciliares, manguezais, restingas) de onde são extraídos os meios de vida de milhares de comunidades pesqueiras espalhadas pelo Brasil, possibilita a identificação imediata dos impactos causados por esse modelo desenvolvimentista, bem como suas dramáticas consequências.

Apresentar exemplos de como os pescadores e pescadoras artesanais estão percebendo os efeitos das mudanças climáticas em seus territórios é um dos principais objetivos deste texto. Pretendemos ainda destacar a importância das estratégias utilizadas pelas comunidades para resistir ao avanço dos grandes projetos e defender seus territórios tradicionais que em síntese representa a preservação do patrimônio cultural e ambiental existente.

Crise ecológica: efeitos nos territórios pesqueiros

Vivemos um momento de profunda crise ecológica. Nosso planeta passa por grandes transformações ambientais em decorrência do modelo de produção e consumo desenvolvido ao longo dos últimos três séculos. Temáticas como: aquecimento global, emissão de gás carbono na atmosfera; elevação dos níveis dos oceanos, bem como alterações na sua temperatura e acidez; derretimento das calotas polares e os efeitos das mudanças climáticas no ciclo de vida das espécies têm sido foco de inúmeras pesquisas científicas.

No entanto, embora esta crise seja de caráter planetário é importante destacar que suas causas, provocadas principalmente pela ação humana sobre a natureza, não são resultantes das ações de todos os homens e mulheres de forma proporcional, nem mesmo significa que todas as pessoas sejam protagonistas por uma relação de exploração dos recursos naturais descomprometida com a vida em suas mais variadas dimensões. Também é importante salientar que os efeitos desta crise não atingem todas as pessoas da mesma forma. Os vários desastres ambientais ocorridos nos últimos anos evidenciam que os principais atingidos pelas mudanças climáticas são aqueles que estão à margem da sociedade.

Tirinha de Quino

Na realidade, esta forma de se relacionar com a natureza, que tem sido responsável pela crise ecológica, é típica de um modelo econômico que privilegia os interesses financeiros acima dos sociais e ambientais e permite que interesses políticos e econômicos sejam preservados em detrimento da sustentabilidade social, econômica e ambiental.

A solução que o Capital não vê: o modo de vida das comunidades tradicionais

Quando analisamos as diversas fases do capitalismo observamos que para assegurar seu desenvolvimento foi preciso intensificar a exploração dos recursos naturais e da força de trabalho. Sabemos também que a sua politica econômica tem como fundamento o crescimento econômico e a geração de lucro a todo custo, engrenagem possível, diante de um cenário de exploração desenfreada da natureza associada a uma profunda desigualdade social, historicamente comprovada.

Embora este modelo tenha se tornado hegemônico em quase todo o mundo, existem, na atualidade, diversas formas de se relacionar com a natureza a partir de outras perspectivas. Os povos e comunidades tradicionais desenvolveram ao longo da sua história uma relação íntima com a natureza capaz de garantir a sustentabilidade econômica e ambiental. Além disso, desenvolveram nessa relação um conjunto bastante diversificado de saberes, fazeres e sabores que compõe seu patrimônio cultural material e imaterial.

Infelizmente o valor deste modelo, que poderia ser - e existem exemplos que o comprovam - incorporado na sociedade moderna, é negado e desvalorizado. À medida que o modelo capitalista avança

Imagens do vídeo da Campanha Nacional pelo Território Pesqueiro

Avanço da Aquicultura empresarial.

sobre os territórios tradicionais, especialmente os espaços pesqueiros, observamos que além de inferiorizar este tipo de relação instituída pelas comunidades como estratégia de reprodução física e cultural, os grandes projetos desenvolvimentistas promovem mais destruição ambiental e exclusão social. Com o aprofundamento deste processo identificamos tanto a degradação dos territórios tradicionais quanto o surgimento de uma série de eventos ambientais associados às mudanças climáticas conforme apresentamos em seguida.

E as comunidades pesqueiras nessa crise ecológica?

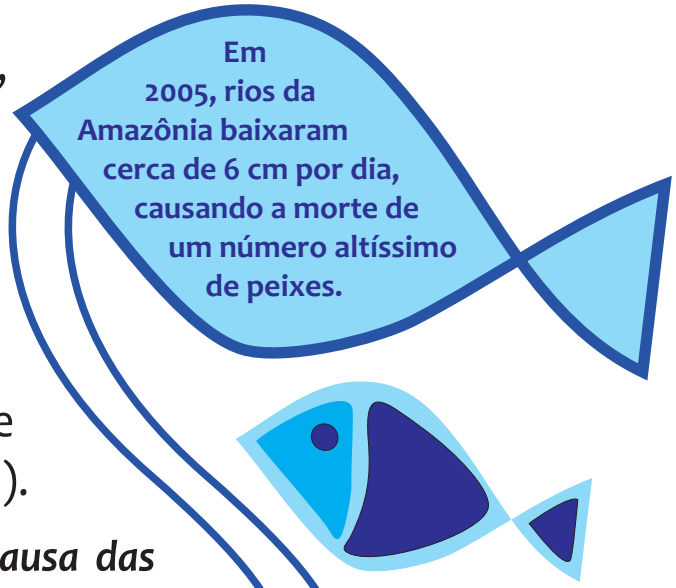
A desregulação dos níveis das águas

Um dos principais sinais de mudanças climáticas identificados e que prejudica substancialmente a atividade pesqueira é a desregulação dos níveis das águas doces e salgadas. Em vários estados (AL, SE, BA, CE, PI, PE, RN, PA e AM) os pescadores e pescadoras tem observado aumento dos níveis das marés e dos rios e o secamento dos rios, lagoas marginais e açudes. A alteração dos regimes hídricos prejudica os ciclos das espécies e causa falhas na cadeia alimentar das espécies e na produção pesqueira sentidos muitas vezes vários anos depois. Nos estados do Piauí e Sergipe, tem-se identificado a imigração de espécies marinhas para os rios. Paralelamente, observa-se a mortandade de peixes de rio devido ao aumento da quantidade de águas salgadas no estuário.

Pescadores/as do Rio São Francisco fazem manifestação em defesa da preservação do Velho Chico.

A desregulação dos níveis das águas

Segundo estudos, até o final do século XXI, haverá redução na vazão do Velho Chico, o que impactará fortemente na atividade pesqueira. Vale ressaltar que as mudanças climáticas só aceleram os imapctos da já existentes na Região Hidrográfica do São Francisco causados pelas barragens (Xingó e PA IV), fazendas de camarão e criatório de peixes (tilapia - Netuno, Codevasf, prefeitura).

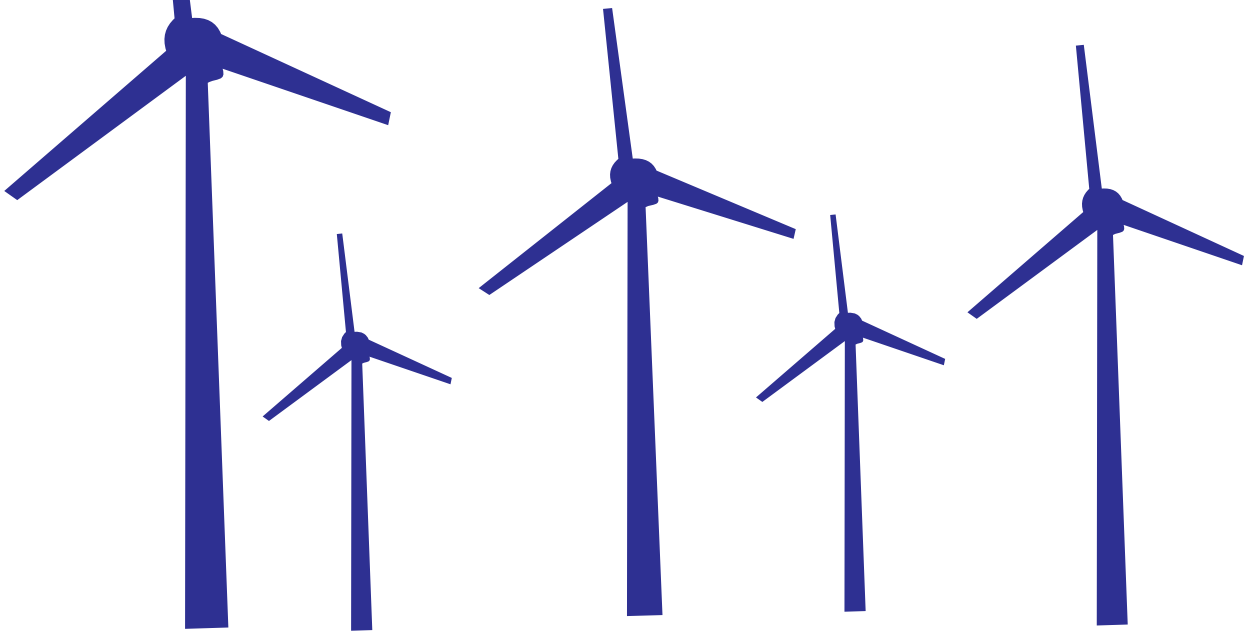


"O Rio se encontra morto e aterrado por causa das barragens, por isso, vem se acabando o pescado, o peixe não tem mais como fazer a reprodução." *Rosivaldo pescador do Baixo São Francisco (Cânion do São Francisco).*

Contudo, assim como na região do São Francisco, o oeste e o sudoeste da Amazônia encontram-se em um processo forte de estiagem. Em 2005, alguns dos grandes rios da bacia Amazônica chegaram a baixar 6 cm por dia, causando a morte de um número altíssimo de peixes – fontes vitais de alimento para comunidades ribeirinhas, além de provocar a restrição do acesso a água e de transporte.

Descontrole dos ventos

Tem sido recorrente a denúncia de que os ventos estão descontrolados em sua incidência e intensidade, com ocorrência mais frequente de eventos extremos. Há um maior registro de acidentes com embarcações, principalmente no Ceará, Pernambuco, Pará, Espírito Santo, Rio Grande do Norte, devido a mudanças repentinas dos ventos e temporais. Em alguns locais, empreendimentos que constituem barreiras físicas



Torres de energia eólica

tem também contribuído, criando obstáculos artificiais que interagem com eventos naturais agravando os problemas.

No litoral do Ceará e Rio Grande do Norte, como relatam algumas comunidades, a construção das usinas eólicas nos territórios pesqueiros estão levando dunas a se deslocarem de forma desordenada, invadindo as casas dos pescadores e provocando grandes prejuízos.

Aumento do volume de chuvas:

A região Amazônica vem enfrentando enchentes de dimensões históricas, superiores aos máximos registrados nos últimos 100 anos. As comunidades têm sofrido mais com os períodos das cheias que são mais intensos e constantes. Algumas das graves consequências tem sido a perda de território e de vegetações de subsistência mais longevas como o Açaí, o cupuaçu, a banana entre outras trazendo como consequência a necessidade de pescar de forma mais intensa sem ter as paradas que as safras das frutas locais permitiam.

Nos últimos anos têm ocorrido chuvas muito fortes em períodos curtos de tempo e com grande densidade pluviométrica. Este evento associado ao processo de desmatamento das matas ciliares e manguezais e ao barramento dos corpos d'água tem causado graves desastres ambientais e impactos diretos na atividade pesqueira. Em 2010, as fortes chuvas que atingiram os estados de Alagoas e Pernambuco destruíram diversas cidades e deixaram milhares de pessoas desabrigadas que até hoje enfrentam as consequências daqueles eventos extremos.

Região amazônica

Nos invernos de 2011 e 2012 o litoral norte de Pernambuco sofreu com quatro cheias que atingiram as comunidades pesqueiras de Goiana provocando danos como nunca se tinha visto. Os pescadores e as pescadoras artesanais perderam casas, instrumentos de trabalho etc. Além disso, o volume d'água contribuiu para o desaparecimento ou diminuição de diversas espécies (sururu, siri, peixes), e intensificou a poluição do estuário com resíduos sólidos que foram arrastados pelas fortes enchentes.

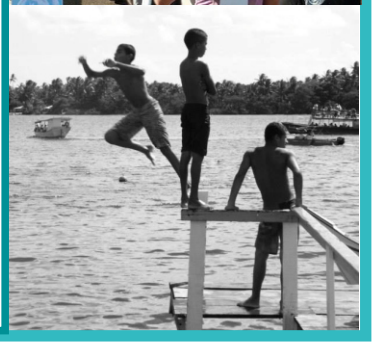
Nos casos das chuvas de 2010 que atingiram os município de Barreiros e São José da Coroa Grande na comunidade de Várzea do Una os resíduos arrastados para o mar foram encontrados no Rio Grande do Norte no litoral norte do estado já na divisa com o Ceará. Por muito tempo existiram trechos do rio Una onde os pescadores não conseguiam pescar porque as árvores arrastadas ficaram presas na calha do rio.

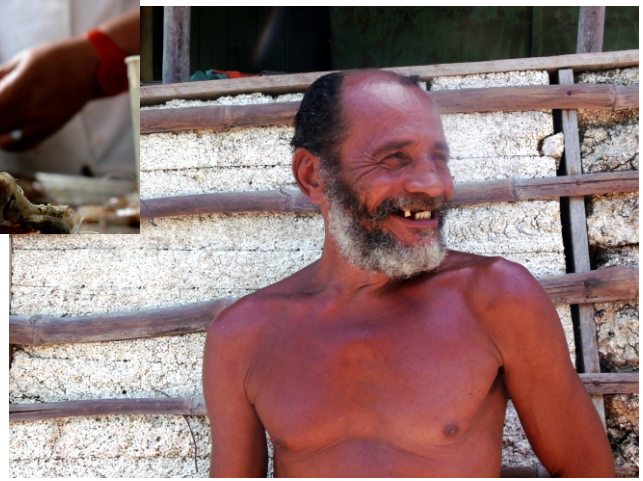
Imagem: reprodução da internet

A luta dos povos da terra e das águas é a luta de todos que habitam este planeta.

Quando analisamos os efeitos das mudanças climáticas sobre as comunidades pesqueiras observamos uma relação direta entre os efeitos e a degradação ambiental, na qual se inclui o desmatamento pela agricultura e pelos grandes projetos (barragens, mineração, aquicultura, transposição etc.) que alteram o meio ambiente diminuindo sua capacidade de resistência frente aos impactos climáticos. Na verdade, essas comunidades são sucessivamente impactadas: primeiro em função da degradação ambiental por poluição, diminuição dos ambientes naturais que são o abrigo e manutenção das espécies e em seguida pelo processo de expropriação dos seus territórios tradicionais que impedem o acesso dos pescadores e pescadoras aos recursos necessários para sua reprodução física e cultural e finalmente são atingidas pelos efeitos provocados pelas mudanças climáticas, que, conforme relatado acima, são grandemente aumentados pela degradação já causada pelo desenvolvimento.

No Semiárido Brasileiro as secas são previsíveis, a má distribuição das chuvas provocadas por efeitos naturais cria um Semiárido complexo e ecossociologicamente próprio, onde a reprodução da vida é perfeitamente possível. Todavia, na Região do Rio São Francisco, pôde-se evidenciar uma das maiores secas dos últimos 83 anos, provocando uma das piores crises hídricas. A interferência antrópica já mencionadas acima, se encarregou de intensificar o fenômeno da seca,





com impactos incomensuráveis nos ecossistemas, assoreamentos, erosão, salinização da água que avança na foz contaminando os lençóis freáticos e modificando a biota do rio, secamento de nascentes, desaparecimento de afluentes e lagoas marginais - principais berçários de reprodução do pescado. Sua baixa vazão vem comprometendo o abastecimento humano e levando o Rio a altos níveis de degradação ambiental comprometendo a qualidade da água nunca antes visto. Com isto, são as comunidades tradicionais pesqueiras as maiores vítimas dos conflitos da escassa ação de Convivência com o Semiárido e o Rio São Francisco.

Embora a situação atual coloque os pescadores e pescadoras na linha de frente do impacto das mudanças climáticas, a luta aqui apresentada não é somente pelos seus interesses: na verdade, na qualidade de usuários diretos, em contato íntimo com a natureza, a luta dos povos da terra e das águas é a luta de todos que habitam este planeta.

Neste sentido, a luta do Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais (MPP) pela defesa e garantia da permanência em seus territórios tradicionais é uma iniciativa que precisa ser apoiada por todos a partir de três fatores principais: proteção dos recursos naturais e da biodiversidade ainda existente; prevenção de acidentes ambientais que atinge a toda sociedade e valorização de uma tradição cultural que aponta alternativas para a superação do modelo de desenvolvimento vigente.

Setembro de 2016
Realização:
CPP
Conselho Pastoral dos Pescadores